
“OS ESTÁGIOS SÃO TRANSFORMADORES”:
O COLÉGIO DE APLICAÇÃO NA FORMAÇÃO DOS PROFESSORES E
PROFESSORAS

Anderson Ferrari *

Introdução

Em 2017 ocorreu na Unicamp um seminário que tinha um título provocativo e instigante - “Escola Pública: tempos difíceis, mas não impossíveis” - um título que nos serve para pensar o papel dos colégios de aplicação na formação de professores e professoras, sobretudo a partir da ação nos estágios. Podemos dizer que esses tempos difíceis se prolongaram para além de 2017 e ainda hoje se mostram, especialmente, desafiadores para a administração pública, de forma geral, e para a Educação, em especial (GALLO, 2019).

(...) parece que os tempos difíceis não se materializam apenas para a escola pública, mas para a Educação, de modo geral. Basta seguir os anúncios de ações do governo federal que tomou posse em janeiro, para ficarmos inquietos e apreensivos com a situação da Educação no País. Guardamos, porém, a esperança presente naquele título: os tempos podem estar difíceis, mas não são impossíveis; e as dificuldades reafirmam nossa disposição para o combate em torno dos ideais democráticos e republicanos que reafirmamos e que não deixaremos de defender. (GALLO, 2019, p. 1).

Três ideias são centrais nessa defesa de Silvio Gallo pela Educação. Uma primeira é a necessidade de mantermos a esperança na educação e no que estamos realizando na formação. A segunda é a relação dessa manutenção da esperança com o entendimento de que, embora difíceis, são tempos em que ainda é possível realizar ações de formação, e isso me parece fundamental quando pensamos no investimento nas ações de estágio no interior do colégio de aplicação João XXIII, ponto que pretendo explorar mais adiante. E a terceira e última ideia que sustenta a defesa na educação é a reafirmação da disposição em resistir no sentido de manter a escola pública ancorada na laicidade, na democracia e no republicanismo.

Num outro artigo muito atual para nossos “tempos difíceis, mas não impossíveis”, Alfredo Veiga Neto responde a uma pergunta que é título do livro de Marisa Vorraber Costa (2003): “a escola

* Professor adjunto de Ensino de História da Faculdade de Educação da UFJ.
 aferrari13@globo.com



tem futuro?”. Uma pergunta que me parece norteadora para o campo do estágio e para a aposta na formação de professores e professoras realizada no interior de uma escola pública. Para além disso, uma pergunta que, dependendo da nossa resposta, nos faz continuar, rever caminhos ou mesmo abandonar essa tarefa de participar do processo formativo de professores e professoras. Uma pergunta que se une à provocação anterior e se transforma: “qual o futuro da escola em tempos difíceis, mas não impossíveis?”. Mas voltando à resposta de Veiga Neto, o autor nos inspira ao afirmar:

Sim, penso que a escola tem futuro. Depois de tudo que conversamos aqui, não tenho dúvida de que temos que pensar na escola como ela vinha sendo, naquilo que ela pode ser transformar ou naqueles aspectos e práticas em que ela pode se ressignificar. Pensar nela, então, como ela era, como ela está sendo e como ela pode vir a ser. Pensar nela como uma instituição que pelo menos garanta a manutenção das conquistas fundamentais da Modernidade. (VEIGA-NETO, 2003, p. 125).

A defesa indubitável da escola pela manutenção das conquistas da Modernidade, ou seja, como aquela responsável pela transmissão da cultura, que vai preservar e difundir o chamado “patrimônio cultural da humanidade”, é o que nos mantém apostando na escola como o local, não somente em que podemos resistir, mas resistir com criatividade. Não basta agora simplesmente dizer “não” a esses tempos difíceis, há necessidade de construirmos uma resistência criativa para manter o futuro da escola e, nisso o estágio está diretamente implicado como compromisso de problematizar a escola que temos e aquela que queremos. É com essas ideias que queria iniciar nossa conversa, neste texto, para pensar a função dos colégios de aplicação na formação de professores e professoras, tomando a experiência do estágio com alunos e alunas da licenciatura em História da UFJF e nossas ações no interior do Colégio de Aplicação João XXIII.

Desde 2012 tenho assumido as disciplinas responsáveis pelo estágio de História na Faculdade de Educação e, desde esse período, venho insistindo em estar com os alunos e alunas no Colégio de Aplicação João XXIII, recuperando e mantendo uma aproximação entre a escola e a Faced que diz de um entendimento, compartilhado na área de Ensino de História, de que a formação docente não se dá no último ano da licenciatura, mas ao longo de todo processo de formação, desde a entrada na Universidade. Esse entendimento é algo construído pelo currículo do curso de licenciatura em História, de maneira que os alunos e alunas estão presentes na Faced e no João XXIII desde o segundo período, o que tem possibilitado experiências formativas e reflexões importantes para a formação docente. Em função disso, quero trabalhar com as falas dos alunos e alunas que passaram por essa experiência do estágio no João XXIII, dando protagonismo àqueles e àquelas que são nossos investimentos no estágio: os futuros professores e as futuras professoras. O que eles e elas dizem da



experiência do estágio no João XXIII? Como a realidade dessa escola pública marcou o sentido de professor e de professora que estão construindo? Como o colégio de aplicação convida a pensar o processo educativo, tanto de alunos e alunas quanto de professores e professoras.

1 O estágio no João XXIII: um espaço-tempo de aliar teoria e prática

Defender que a escola tem futuro em tempos difíceis, mas não impossíveis, é apostar na formação, entendendo que a experiência do estágio é uma etapa importante para a construção do professor e da professora. Formação que está diretamente ligada a um investimento que é realizado no sujeito como um processo de problematização. Problematização é uma metodologia de investigação que toma o sujeito como foco, que busca colocar sob suspeita nossas formas de pensar e agir. Para Foucault (2006), a problematização está ligada à liberdade do pensamento.

O pensamento não é o que se presentifica em uma conduta e lhe dá um sentido; é sobretudo, aquilo que permite tomar uma distância em relação a essa maneira de fazer ou de reagir, e tomá-la como objeto de pensamento e interrogá-la sobre seu sentido, suas condições e seus fins. O pensamento é liberdade em relação àquilo que se faz, o movimento pelo qual dele nos separamos, constituímos-lo como objeto e pensamo-lo como problema (FOUCAULT, 2006, p. 231-232).

O estágio foi se constituindo, tanto nas aulas na Faced quanto no João XXIII, como este espaço-tempo de problematização. Problematizar é dar um passo atrás e transformar em problema de investigação o que comumente não vemos com problema, uma postura fundamental para o exercício da docência, já que é um convite a pensar o que entendemos como ser professor e ser professora, o que classificamos e hierarquizamos como o “bom” ou o “mau” professor e professora e o que entendemos e chamamos de escola e de educação. Para Foucault, os sujeitos são resultado de discursos, porque quando nascemos já viemos a um mundo discursivamente organizado, o que nos faz mais produtos dos discursos do que propriamente produtores. No campo da docência isso significa dizer que, quando entramos na licenciatura, já temos construído um discurso do que é ser bom ou mau professor ou professora, de maneira que o desafio é exatamente colocar sob suspeita essas formas de pensar e agir. A questão que está posta para a licenciatura é, portanto, até que ponto a graduação altera ou reforça essa concepção de bom ou mau professor ou professora? As nossas formas de pensar e agir dizem da história do pensamento. Não pensamos e agimos do nada, nossas formas de pensar e agir têm história e, portanto, o exercício do estágio no encontro entre Faced e João XXIII era provocar o pensamento dos alunos e alunas para colocarem sob suspeita suas formas de pensar e agir no que diz respeito aos entendimentos de ensinar e aprender, o papel e a



finalidade do ser professor e professora e o que significa escola na sua função de construção dos sujeitos.

Toda essa forma de pensar também está ancorada no entendimento do que é a formação de professores e professoras e de qual é o papel do João XXIII nesse processo. Trabalhar com a formação docente é responder a duas perguntas. Duas perguntas que também fazem parte do cotidiano de professores e professoras na sala de aula. Quem eu penso que o meu aluno é? Quem eu quero que ele seja? Todo professor e professora trabalha e busca responder a essas duas perguntas, por mais que não se deem conta disso. O estágio também tem essas duas perguntas como norteadoras, o que define, por exemplo, nossa aposta na presença do estagiário e da estagiária no João XXIII, porque lidamos com a imagem de um estagiário e de uma estagiária que não têm experiência de sala de aula como docente, que estão nervosos e ansiosos, que entendem esse momento como importante para o processo de “se tornarem” professores e professoras. E apostamos que esses alunos e alunas serão diferentes depois de passarem por essas experiências de regência de aulas no João XXIII. Enfim, entendemos o João XXIII e o momento do estágio como necessários para a mudança social nos sujeitos. Nesse sentido, é sempre importante escutar os alunos e alunas nos seus entendimentos de formação e da ação das experiências do estágio no sujeito.

Iniciei a disciplina de “Reflexões sobre a atuação no espaço escolar II” com muitas expectativas pois, de certa forma, as três aulas que seriam desenvolvidas no Colégio de Aplicação João XXIII seriam, para mim, como uma espécie de teste para checar se as discussões desenvolvidas ao longo da graduação em História estavam enraizadas em minha prática. Compreendo, a partir das reflexões elencadas pela profa. Sônia Miranda desde a disciplina de “Saberes Históricos Escolares”, que ser professor é um processo constante de construção e desconstrução, sendo o docente constantemente alvo de transformação pelas suas experiências e pela sua interação com seus alunos e o meio escolar em si. Entretanto, a perspectiva de me deparar como professora e adulto de referência em uma sala de aula pela primeira vez causou alguma ansiedade, decorrente mais da apreensão de não conseguir dar uma aula satisfatória do que pelo medo da turma em si. (Karine¹)

A narrativa da aula dá vida a sua experiência. Como nos ensina Larrosa (2002), a experiência é algo que nos passa e não algo que se passa, algo que nos ex(põe) e nos transforma. A aluna diz de uma experiência que passa por um entendimento de ser professora que é colocado em avaliação na prática da sala de aula, um processo avaliativo que passa por ele e por seu entendimento do que seria uma “aula satisfatória”. Não é por acaso que ela diz de uma certa ansiedade e medo de estar

¹ Os nomes dos alunos e alunas que serão utilizados aqui são fictícios, resguardando, assim, o anonimato dos sujeitos. Todos os trechos utilizados foram retirados do relatório final do estágio, documento obrigatoriamente produzido por todos e todas que passaram tanto pela disciplina Estágio I quanto a disciplina Estágio II. Os trechos estarão em itálico pra diferenciar das citações.



pela primeira vez no lugar da professora e adulto de referência. O estágio no João XXIII e, sobretudo, a elaboração e desenvolvimento de três aulas (uma atividade avaliativa para a disciplina de estágio II) são tomados como *“uma espécie de teste para checar se as discussões desenvolvidas ao longo da graduação em História estavam enraizadas em minha prática”*.

Com essa frase, ela diz de um sentido de ser professora que passa pela relação entre teoria e prática. Não quero dizer com isso que há um entendimento de que na Faced e no ICH os estudantes têm acesso à teoria e de que no João XXIII, à prática. Penso que teoria e prática são partes de um processo inseparável, mesmo porque estamos trabalhando com o Ensino de História, como uma área do conhecimento que é o encontro entre outras duas áreas: História e Educação. Teoria e prática, Faced/ICH e João XXIII se encontram no estágio, na presença dos estudantes na escola e no entendimento de que o colégio e o exercício do estágio na escola são partes dessa transformação constante do ser professor e professora. Nesse sentido, é muito interessante perceber na narrativa da aluna o seu entendimento de formação, realizado ao longo de toda graduação e não somente nas disciplinas de estágio, de maneira que consegue levar para o João XXIII as experiências de formação ocorridas nas demais disciplinas que compõem o currículo da formação docente.

O estágio, como já havia nos anunciado o professor Anderson Ferrari, é crucial na nossa formação. Para sermos licenciados devemos, necessariamente, passar pelos estágios. Não porque constituem parte da grade e do currículo da faculdade, mas, porque significam boas reflexões na nossa formação, assim como, nos fornecem profundas transformações na nossa lógica de ação dentro da escola. Os estágios são transformadores. Sim, eles possuem o potencial de nos apresentar a escola, sua lógica de funcionamento. Os alunos, os funcionários, seus anseios e expectativas diante de nós. E nos apresentam nós sob novos olhares. É no estágio que passamos a etapa de nos sentirmos alunos. É no estágio que adquirimos a capacidade de observar tudo que já conhecíamos (escolas, alunos, professores, etc) sob um novo olhar possível em uma posição que desconhecíamos. (Camila).

Esse poder de transformação do estágio só me parece possível em uma escola que acolhe, que vem construindo uma experiência de atendimento e de formação dos professores e professoras que é pensada e realizada em acordo com a Faced. Por isso, não podemos dizer de uma realidade que está estabelecida em todas as escolas e, tampouco em todos os colégios de aplicação. Neste texto, estamos tratando da experiência construída no Colégio de Aplicação João XXIII, junto aos professores e professoras de História. São alunos e alunas que compreendem o estágio como uma prova final para verificarem se estão prontos e prontas como professores e professoras e, nesse sentido, chegam às escolas muito vulneráveis emocionalmente. Venho problematizando o estágio como um momento da formação e não o único, e que não é a experiência das três aulas que irá definir o “bom” ou o “mau” professor e professora para sempre. A ideia é tirar a carga emocional



excessiva desse momento da formação, o que é muito facilitado pelas condições de acolhimento que o colégio de aplicação coloca em vigor.

2 O acolhimento no João XXIII: a formação também diz de emoções

Logo no início do artigo sobre experiência, Larrosa (2002) defende que não quer pensar a educação sob o binômio teoria/prática, mas sim experiência/sentido. “A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece”. (LARROSA, 2002, p. 21). Se estamos apostando que educação tem futuro, penso que o futuro está na formação. O futuro está em investirmos em uma formação que qualifique o professor e professora a repensar a educação e a escola, assumindo o desafio e a potencialidade de pensar e elaborar outras formas de educação e de escola. O João XXIII tem, na sua constituição, um compromisso com a inovação e com a experimentação, de maneira que é um espaço em que podemos colocar sob suspeita alguns mecanismos que constituem o processo educativo, como, por exemplo, o currículo oficial, os entendimentos de disciplina e a necessidade de controle dos alunos e alunas, os materiais e as escolhas didáticas, enfim, é um espaço que possibilita outras formas de ser professor e professora e outras maneiras de dar aula. Mas, para isso, há a necessidade de um diálogo constante entre as instruções e a formação que acontece na Faced e o que acontece no João XXIII, para que os dois espaços de formação se fortaleçam e não concorram.

No estágio, neste um ano, somos continuamente convocados a mudar a nossa esfera de ação. Se antes éramos entendidos enquanto “em formação”, ao longo deste tempo, vamos sendo identificados como “já formados”. A professora orientadora do estágio, professora Irene, o professor Anderson Ferrari, da UFJF, e os professores e funcionários da escola que atuamos, o João XXIII, vão ao longo deste processo transformando seus olhares sobre nós, assim como, suas posturas diante de nós, convidando-nos continuamente a nos tornarmos docentes, convictos de nossa função dentro de uma escola, e de nossa posição diante dos alunos. (Camila).

A narrativa diz de uma convocação que é feita por todos os envolvidos na formação, uma convocação a mudarem seu papel de sujeito, saindo, pouco a pouco, do lugar do estagiário e da estagiária e assumindo o lugar do professor e da professora. Estar na escola desde o segundo período vem representando a possibilidade de estabelecer sentido entre o que é discutido e problematizado nas disciplinas de formação, tanto na Faced quanto no ICH, mas também é uma possibilidade de tomar conhecimento do que significa o contexto escolar, a riqueza do que acontece na escola. Portanto, o campo de estágio não se limita ao que acontece na sala de aula de História,



mas é desenvolvido no olhar aguçado do que acontece na escola como um todo: nos corredores, no recreio, na entrada, em outras aulas. Esse momento de reflexão é incentivado na Faced e volta a ela quando os alunos e alunas trazem para a discussão o que observam na escola.

O estágio é o momento de elaboração de conhecimento, ele deve ser esse momento de estimular que os alunos e alunas possam pensar e elaborar formas de conhecer e de atuar, de maneira que a formação docente se reafirme como em eterna construção. Assim sendo, “considerar o estágio como campo de conhecimento significa atribuir-lhe um estatuto epistemológico que supere sua tradicional redução à atividade prática instrumental” (PIMENTA e LIMA, 2012, p.29). Com isso queremos dizer que a nossa aposta está na formação de um professor e de uma professora questionadores da sua ação, como interessado e interessada em se colocar em investigação e com isso capazes de viver a experiência de uma sala de aula. Para que a experiência aconteça, há necessidade de ter os sentidos aguçado. “(...) o sujeito da experiência seria algo como um território de passagem, algo como uma superfície sensível que aquilo que acontece afeta de algum modo, produz alguns afetos, inscreve algumas marcas, deixa alguns vestígios, alguns efeitos” (LARROSA, 2002, p. 24).

O João XXIII, especialmente, é uma escola com marcas, com realidades muito específicas. Trata-se de uma escola pública federal que tem o sorteio público como forma de ingresso, o que faz com que a escola seja caracterizada com um espaço de diversidade, tanto no campo econômico quanto social. A diversidade também diz do grupo de professores e professoras que compõem o corpo docente. Isso é uma marca da escola e que deixa marcas nos estagiários e estagiárias. Outra marca da escola, que é muito impactante, é a estrutura material, o que contrasta com uma imagem de escola pública como precária, fazendo com que a reação inicial seja de espanto, diante da estrutura das salas de aulas e da escola como um todo para que as experimentações e inovações didáticas possam acontecer.

O estágio efetuado durante esse segundo período na disciplina de Estágio II, foi de suma importância para minha formação como docente de História. Em um primeiro momento, porque representou e me proporcionou a minha segunda experiência como professor. Em um segundo ponto, esse estágio foi responsável por me proporcionar à possibilidade de avaliar e observar uma diversidade imensa de discentes em sala de aula, sob um mesmo denominador comum, que era o ensino da matéria de História. Com isso, me fez perceber o quanto os alunos são pessoas de múltiplas personalidades, distintas e o quanto cada um reage às suas maneiras/jeitos dependendo das ações diretas do professor. Além disso, o Estágio nos presenteou com uma Escola de aplicação (João XXIII) e uma professora orientadora (Jussara) de excelências, fato esse que me fez pensar e possibilitou uma nova forma de enxergar a tarefa da docência. (Roger).



O conjunto dos relatórios finais aponta para um dado importante para esse artigo. Se iniciamos a escrita dizendo que apostamos que a educação tem futuro e que esse futuro diz de um investimento no sujeito e no seu poder de transformar sua realidade pelo conhecimento, também afirmamos que essa aposta na educação é uma aposta na formação. No entanto, de nada adiantaria essas apostas e afirmações se elas não ocorressem na prática da sala de aula, se elas não fossem incorporadas e entendidas pelo nosso público que são os futuros professores e professoras de História. Se eles e elas não pudessem conhecer e vivenciar experiências em uma escola que também aposta na educação como aquela capaz de mudar a sociedade. Portanto, o futuro da escola só parece possível quando esse futuro é uma aposta dos cursos de formação e das escolas conjuntamente.

Considerações finais

Como professor com prática nas disciplinas de estágio, venho mantendo meu contato direto com o Colégio de Aplicação João XXIII e com as demandas de docentes em formação, a definição de currículos e a juventude. Estando diretamente nas escolas, percebo um movimento importante de negociação entre os interesses dos alunos e alunas, as definições curriculares e a formação docente. O que venho defendendo ao longo da minha prática docente como professor de estágio e que foi o foco neste artigo é que o estágio tem que servir para novos conhecimentos, para problematizar o currículo oficial e propor novas formas de conhecer e novos sujeitos que estão sendo silenciados pela História. E esse investimento só é possível numa escola que dialoga diretamente com a Faced e que acolhe os estagiários e estagiárias nas suas propostas de intervenção, como eu tentei mostrar aqui ao analisar a experiência do estágio no João XXIII.

Nesses “tempos difíceis, mas não impossíveis”, estamos investindo nas problematizações destas instâncias de saber, poder e subjetividades. Que tipo de professor e professora eu quero ser? Que alunos e alunas quero construir? Que saberes são importantes para o sucesso dessas duas questões anteriores e para a sociedade de forma geral? O futuro da educação depende do tipo de resposta que estamos dando para essas perguntas. A sala de aula não é o lugar do senso comum, ela tem responsabilidade com o rompimento desse senso comum, a partir de outras formas de saber e conhecer. Problematizar é colocar o que pensamos e fazemos em meio à história do pensamento.

O estágio e o ensino de História nos conduzem para a necessidade de pensar o que sabemos e o que somos como resultado de produção discursiva, da história do pensamento e, por consequência, problematização da história do pensamento como prática de liberdade dos modos dispersos pelos quais nos tornamos o que somos hoje. O Ensino de História é potencialmente um campo do conhecimento que nos ajuda a pensar que a nossa realidade, as nossas formas de pensar e



agir não são algo dado, mas resultado de processos históricos. Nesse sentido, o currículo de história pode ser tomado como em constante construção e não como acabado. Esse é o grande desafio da formação docente, ou seja, tomar o conhecimento (e, especificamente, o conhecimento histórico) como resultado de produção discursiva que constitui sujeitos. É essa forma de entender o currículo de História que venho tomando como provocação para os alunos e alunas da disciplina de estágio, num exercício de preparação de três aulas a partir da eleição de uma temática que tenha ancoragem na problematização de uma questão atual. Temas tradicionais sempre aparecem, como Reforma Protestante, Independência do Brasil, Revolução Francesa, entre outros que estão nos livros didáticos, que fazem parte dos grandes temas aprendidos na Universidade e são exigidos nos processos seletivos e avaliações em larga escala, enfim, que vão se constituindo como tradicionais e esperados. No entanto, a provocação é pensar as exclusões, as possibilidades de introdução de outras questões até mesmo nesses temas mais tradicionais, como, por exemplo, a relação da Reforma Protestante com a onda conservadora que estamos atravessando; a problemática da negritude na independência do Brasil; a participação das mulheres na Revolução Francesa, enfim, algo que tire os estagiários e estagiárias do conforto e os faça pensar nas margens do currículo. Isso tem surtido efeito e temos apresentado para as aulas no João XXIII e, portanto, para os alunos e alunas da escola, temáticas que dizem diretamente da realidade deles e delas para se entenderem como sujeitos da história e como resultado de processos históricos atravessados por relações de poder.

Referências

FOUCAULT, M. **Polêmica, Política e Problematização**. In: FOUCAULT, M. *Ética, sexualidade, política*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006, p. 225-233.

GALLO, S. **Tempos difíceis, mas não impossíveis**. Revista Pró-Posições, vol. 30, Campinas: Unicamp, 2019.

LARROSA, J. **Notas sobre a experiência e o saber da experiência**. Revista Brasileira de Educação, n. 19. 2002.

PIMENTA, S. G.; LIMA, M. S. L. **Estágio e docência**. São Paulo: Cortez, 2012.

VEIGA-NETO, A. **Pensar a escola como uma instituição que pelo menos garanta a manutenção das conquistas fundamentais da Modernidade**. In: COSTA, M. V. (org.). *A escola tem futuro?*, Rio de Janeiro: DP&A, 2003, p. 103-126.

